IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE POLICIAIS: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO MACHISMO NAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Eixo Temático CORPOS EM CRIAÇÕES POSSÍVEIS: EXPRESSÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ESTÉTICAS

Jaini Carolaine Blasius [1]
Eduardo Nunes Jacondino [2]

RESUMO

O estudo propõe analisar como as questões de gênero são tratadas na formação de policiais e como influenciam suas práticas. Adotando-se a cartografia como metodologia para mapear as experiências, utilizando questionários e entrevistas, além de análise de discurso foucaultiana. A pesquisa ocorrerá em unidades policiais do interior do Paraná, com amostra diversificada de gênero, experiência e formação. A observação participante complementará os dados, registrados em diários de campo e triangulados. Os resultados esperados incluem a identificação de como discursos e práticas educativas afetam os profissionais e a qualidade do atendimento prestado à população. Prevê-se, ainda, evidenciar lacunas nos currículos formativos e propor alternativas pedagógicas inclusivas e críticas.

Palavras-chave: formação policial, subjetivação, machismo, violência de gênero, pós-estruturalismo.

[1] Pós-Graduanda do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bacharel em Psicologia pela Universidade Paranaense, jainiblasius@gmail.com;
[2] Doutor em Sociologia pela UFRGS. Mestre em Educação UFSM. Bacharel em Sociologia e a Ciência Política. Docente efetivo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, eduardojacondino@hotmail.com;

INTRODUÇÃO

O machismo é uma construção cultural que influencia relações sociais, práticas profissionais e processos de subjetivação, especialmente em instituições hierárquicas como as corporações policiais. Neste contexto, a formação dos policiais é atravessada por discursos e práticas que reforçam normas de masculinidade hegemônica, impactando a dinâmica institucional e a qualidade do atendimento prestado à população.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca analisar os processos de subjetivação na formação de policiais, com foco na influência do machismo e suas implicações nas práticas profissionais. O objetivo central é compreender como os discursos e práticas institucionais reforçam ou desafiam discursos de gênero, contribuindo para a manutenção de estruturas de poder e exclusão dentro das corporações policiais.

A justificativa desta investigação reside na necessidade de refletir criticamente sobre os impactos da cultura machista na formação policial e sua relação com o aumento de transtornos mentais, burnout e violências de gênero e institucionais. Estudos indicam que a falta de abordagem crítica sobre gênero na formação policial reforça comportamentos violentos e práticas discriminatórias, evidenciando a urgência de uma reformulação pedagógica que contemple direitos humanos e diversidade de gênero.

Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na perspectiva pós-estruturalista, adotando a cartografia para mapear experiências singulares dos policiais. Utiliza-se uma abordagem qualitativa e quantitativa, por meio de questionários, entrevistas e análise discursiva foucaultiana, com dados coletados em unidades policiais do interior do Paraná. A triangulação metodológica permitirá uma visão abrangente das práticas formativas e sua relação com os processos de subjetivação dos profissionais.

Os resultados esperados incluem a identificação de como os discursos e práticas educativas reforçam ou desafiam normas de masculinidade hegemônica, afetando o ambiente de trabalho, a saúde mental dos profissionais e a qualidade do atendimento prestado à população. Prevê-se, ainda, evidenciar lacunas nos currículos formativos e propor alternativas pedagógicas inclusivas e críticas.

Em síntese, este estudo busca contribuir para o desenvolvimento de práticas formativas mais equitativas e alinhadas às demandas de uma sociedade plural, promovendo

mudanças estruturais que possibilitem um ambiente institucional mais saudável e inclusivo para todos os profissionais da segurança pública.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, utilizar-se-á como metodologia a cartografia e analisar-se-á a partir dos referenciais da análise do discurso foucaultiana. Essas metodologias permitirão mapear os processos singulares de cada sujeito, considerando o contexto institucional e a complexidade das relações de poder, subjetividade e gênero. A escolha dessas metodologias é sustentada pelos referenciais do pós-estruturalismo, pois segundo Domenico Hur (2021), "a cartografia na pesquisa é empreendida com o caminhar, o seguir, o mapear, o fenômeno investigado".

A pesquisa será realizada em unidades policiais de Francisco Beltrão-PR, com foco na formação e atuação de policiais. A pesquisa será de campo, encaminhando-a para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste, valer-se do consentimento prévio dos(as) entrevistados(as), firmado através do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e a autorização institucional do local onde se desenvolverá a pesquisa. A amostra será composta por profissionais policiais que aceitarem participar da pesquisa, selecionados de maneira não intencional, garantindo diversidade de gênero, experiência e unidade de formação e trabalho.

Posteriormente, para a coleta de dados se fará o uso de questionários que serão aplicados para levantar dados, quantitativos e qualitativos, sobre as percepções dos policiais em relação ao machismo e suas práticas formativas. Os questionários serão estruturados em três tópicos principais: Dados sociodemográficos; Percepção sobre a formação; E práticas profissionais; Entre outras que podem ser definidas a posteriori.

Serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, aprofundando a discussão levantada nos questionários que permitirão explorar as singularidades das experiências individuais e os processos de subjetivação. Assim, a entrevista semiestruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]" além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). As entrevistas terão uma duração média de 1 hora, sendo realizadas em locais reservados ou virtualmente, garantindo o sigilo e o

conforto dos participantes. As entrevistas serão gravadas, com o consentimento dos participantes, e transcritas para posterior análise discursiva.

Para complementar os dados, fará-se observações participantes em unidades policiais com o objetivo de observar diretamente as relações organizacionais, a cultura organizacional e o cotidiano de trabalho desses profissionais. Os dados observacionais serão registrados em diários de campo e triangulados com as informações coletadas nas entrevistas e questionários.

A análise do discurso, será conduzida a partir de uma perspectiva foucaultiana com categorias que serão definidas durante a pesquisa. Essa abordagem permitirá examinar como os discursos sobre gênero, poder e machismo são construídos e mantidos nas instituições policiais, e como esses discursos influenciam a subjetivação dos policiais. Foucault não está aí para nos dizer as verdades sobre as coisas, mas sim para nos ajudar a compreender de que maneiras, por quais caminhos, tudo aquilo que se considera verdade tornou-se um dia verdadeiro (VEIGA-NETO, 2006, p. 87).

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação e a subjetivação dos policiais são processos complexos que estão imersos em um contexto de relações de poder. Michel Foucault, em suas análises sobre o poder e o saber, ensina que as práticas formativas não são meramente instrutivas, mas moldam identidades e subjetividades de acordo com normas sociais dominantes. Foucault (1970), argumenta que os discursos que permeiam a formação de profissionais, têm o potencial de criar e reforçar hierarquias. Esses discursos, frequentemente invisíveis, estruturam o que é considerado normal e aceitável, inclusive sobre gênero, nas quais o machismo se apresenta como um dos pilares que sustentam as relações de poder dentro das instituições policiais.

A construção das identidades policiais está diretamente relacionada às práticas educativas que agenciam a formação. Welzer Lang (2012) enfatiza que "a educação deve ser um espaço de crítica e transformação social", o que implica a necessidade de questionar e reformular as normas de gênero que têm sido historicamente aceitas. O desafio, portanto, é desenvolver um modelo de formação que não apenas reconheça, mas atue contra as manifestações de machismo. Lang (2012) propõe que a formação policial deve incentivar reflexões sobre a masculinidade hegemônica e suas consequências, criando um ambiente onde os policiais possam desenvolver uma consciência crítica sobre suas próprias identidades e práticas.

Por outro lado, um levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicou que a carga horária média de formação de policiais militares no Brasil é de 1.500 horas, muito abaixo da recomendação da ONU (FBSP, 2020) e que apenas 30% dos programas de formação incluem questões de gênero, onde o debate costuma ser raso, sem fomentar uma reflexão crítica mais ampla sobre como o machismo se articula nas práticas cotidianas (Machado & Leite, 2020).

A abordagem pós-estruturalista, oferece uma lente crítica para examinar como o machismo se infiltra nas práticas educativas. A esquizoanálise, desenvolvida por Deleuze e Guattari, complementa essa discussão ao destacar a multiplicidade das subjetividades. De acordo com Deleuze e Guattari (1980), essa abordagem permite compreender os afetos e desejos que permeiam as relações sociais, possibilitando uma análise mais profunda dos impactos do machismo nas práticas dos policiais.

Os dados empíricos reforçam a relevância dessa discussão. Pesquisas indicam que a cultura machista e a violência institucional estão diretamente relacionadas a altos índices de estresse e problemas de saúde mental entre policiais. Segundo Estudos de Harpold e Feemster (2002), policiais sob estresse negativo perdem interesse em vários aspectos da vida e 1% chega a pensar em suicídio. Os policiais referem problemas de bebida e de fumo, maior susceptibilidade a provocar lesões e abuso físico de esposas, filhos e companheiros de trabalho. Os autores da pesquisa revelam que, em geral, os policiais sofrem seis vezes mais de ansiedade e dez vezes mais de depressão do que a população em geral.

Ao mesmo tempo, o machismo institucional prejudica a convivência dentro das corporações policiais. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 40% das mulheres policiais já sofreram algum tipo de assédio sexual dentro das instituições (FBSP, 2020). Essa violência de gênero, embora visível nas mulheres, também repercute sobre os homens, que são socializados para exercer um papel rígido de masculinidade.

Portanto, a compreensão das influências do machismo nos processos de subjetivação no contexto formativo dos policiais é fundamental para o desenvolvimento de intervenções educativas que promovam um ambiente mais saudável. Esta pesquisa busca não apenas visa analisar os problemas existentes, mas também propor estratégias que estimulem uma formação crítica e reflexiva, contribuindo para a formação de uma nova consciência sobre gênero e saúde mental no âmbito da segurança pública, que poderá propiciar melhorias tanto

tanto para os policiais quanto para a população atendida, especialmente no que se refere a violência de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa se inscreve como um movimento de desterritorialização das subjetividades capturadas nos mecanismos de poder e repressão que atravessam os processos de formação. Os resultados esperados não se prendem a um horizonte de previsibilidade normativa, mas a uma proliferação de linhas de fuga, de destituição das hierarquias identitárias e da lógica que estrutura e ordena a violência como parte do campo institucional.

Espera-se que a pesquisa não apenas revele os atravessamentos que configuram a subjetividade dentro do contexto investigado, mas que funcione como um dispositivo capaz de produzir fissuras nos modos de existência. O impacto projetado não se resume a uma intervenção nos discursos, mas sim a uma possibilidade de esgarçar os enunciados que produzem a reprodução do machismo, da violência e do adoecimento psíquico tanto das pessoas atendidas por esses profissionais quanto deles mesmos e suas relações familiares, interpessoais e profissionais.

Além disso, a pesquisa busca ampliar a compreensão sobre os modos como a subjetividade é capturada e normatizada, propondo caminhos para desarticular essas capturas. A intenção é que se possa criar um espaço de escuta e expressão para os sujeitos envolvidos, favorecendo a emergência de narrativas alternativas e a produção de novas formas de existir que não se limitem às imposições estruturais historicamente cristalizadas.

Ao tensionar a relação entre subjetividade e instituição, o estudo aponta para a necessidade de criar dispositivos que potencializam a produção de existências mais fluxuais e abertas à transversalidade dos afetos. Isso implica questionar profundamente as formas tradicionais de formação de policiais. Assim, a pesquisa se posiciona como uma estratégia de resistência às estruturas que perpetuam o silenciamento e a violência.

Por fim, não se trata de uma mudança restrita ao campo dos discursos, mas de uma potência de revolvimento dos modos de existência. O objetivo é abrir espaços para que novos agenciamentos se constituam, fugindo das normas que aprisionam e permitindo que subjetividades plurais e dinâmicas possam emergir. A pesquisa, assim, opera como um rizoma, que cresce em direções inesperadas, potencializando outras formas de ser e estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões apontam para a necessidade urgente de repensar as estruturas formativas e educacionais que sustentam os processos de subjetivação, deslocando o foco da normatização para a experimentação de novas formas de ser. O impacto empírico da pesquisa se estende para além do campo acadêmico, pois suas reflexões podem servir como subsídio para intervenções políticas e institucionais que visem a desconstrução de paradigmas opressivos e a criação de ambientes mais abertos à diversidade e à fluidez das subjetividades.

Diante das complexidades abordadas, torna-se evidente a necessidade de aprofundamento contínuo no campo investigado. Assim, a pesquisa não se encerra em suas próprias conclusões, mas se abre como um convite para a produção de novos agenciamentos teóricos e empíricos. Trata-se de uma aposta no inacabamento, que continua a se expandir, no pensamento que se move em múltiplas direções, sempre em busca de novas possibilidades de existência.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* [1980], v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes/. Acesso em: 30 out. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Pesquisa sobre assédio sexual em instituições policiais*. São Paulo: FBSP, 2020. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/pesquisa-revela-que-40-das-mulheres-policiais-ja-sofreram-assedio-dentro-da-corporacao/. Acesso em: 9 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

HARPOLD, J. A.; FEEMSTER, J. D. Negative influences of police stress. *FBI Law Enforcement Bulletin*, v. 71, n. 9, p. 1-6, 2002.

HUR, Domenico Uhng. Cartografia das Intensidades: Pesquisa e Método em Esquizoanálise. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 46, p. 275-292, 2021.

LANG, W. *Educação e Transformação Social: Reflexões sobre Gênero e Formação Profissional*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MACHADO, L.; LEITE, A. A Formação Policial e as Questões de Gênero: Uma Análise dos Currículos. Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 90, p. 45-60, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na Oficina de Foucault. In: KOHAN, Walter Omar; GONDRA, José (Org.). *Foucault 80 Anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-91.